



O diálogo com o discurso citado e a construção da posição autoral
na produção do gênero resenha acadêmica: uma perspectiva
dialógica

The dialogue with the quoted discourse and the construction of
the authorial position in the production of the academic review
genre: a dialogical perspective

El diálogo con el discurso citado y la construcción de la posición
autoral en la producción del género reseña académica: una
perspectiva dialógica

Sibely Oliveira Silva
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Resumo

Se se admite que a escrita é tessitura tramada num espaço de heterogeneidades, como assumir o estatuto de autor (exigência da escrita acadêmica) quando se é um principiante, estudante universitário, que recorre a outras vozes/teóricos e que é convocado a agenciar alteridades para se constituir singularmente como uma voz autoral? Neste trabalho, busco responder a esta pergunta, apoiando-me nas contribuições dos estudos do discurso e da perspectiva dialógica da linguagem, bem como nos estudos que concebem a escrita como processo e trabalho. Ancorado na metodologia de abordagem qualitativa, o método de pesquisa adotado é o da pesquisa-ação. De um modo geral, os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de que as ações de formação para a escrita na universidade privilegiem alguns dos princípios que envolvem a escrita acadêmica e a construção de uma posição autoral, numa perspectiva dialógico-discursiva, que transcenda a perspectiva comumente referendada nos manuais de escrita acadêmica. Além disso, em linhas gerais, os resultados apontam que os percursos de escrita dos alunos são marcados por um processo de (re)construção do posicionamento autoral marcadamente não linear, no qual a voz autoral vai se (re)modelando ao compasso que os sujeitos apreendem determinados valores inerentes à escrita acadêmica, retroagem sobre o processo de produção de sentidos dos textos e, conseqüentemente, ressignificam suas escolhas (posicionamentos, citações pinçadas dos textos resenhados, interatuaem sobre os seus saberes, estabelecendo novas filiações de sentido com e a partir deles).

Palavras-chave: posição autoral, discurso citado, resenha acadêmica.

Résumé

Si l'on admet que l'écriture se tisse dans un espace d'hétérogénéités, comment assumer le statut d'auteur (une exigence de l'écriture académique) quand on est un débutant, un étudiant universitaire, qui se nourrit d'autres voix/théoriciens et est appelé à agencer l'altérité pour se constituer singulièrement en voix



d'auteur ? Dans cet article, je cherche à répondre à cette question en m'appuyant sur les contributions des études discursives et de la perspective dialogique du langage, ainsi que sur les études qui conçoivent l'écriture comme un processus et un travail. Ancrée dans la méthodologie de l'approche qualitative, la méthode de recherche adoptée est celle de la recherche-action. En général, les résultats de la recherche indiquent la nécessité d'actions de formation à l'université pour privilégier certains des principes impliquant l'écriture académique et la construction d'une position d'auteur, dans une perspective dialogique-discursive, qui transcende la perspective communément référencée dans les manuels d'écriture académique. En outre, en termes généraux, les résultats indiquent que les parcours d'écriture des étudiants sont marqués par un processus de (re)construction de la position d'auteur nettement non linéaire, dans lequel la voix d'auteur est (re)modélisée à mesure que les sujets appréhendent certaines valeurs inhérentes à l'écriture académique, réagissent sur le processus de production de significations des textes et, par conséquent, re-signifient leurs choix (positions, citations choisies dans les textes examinés, interagissent sur leurs connaissances, établissant de nouvelles affiliations de sens avec et à partir d'eux).

Mots clés : position de l'auteur, discours cité, revue académique.

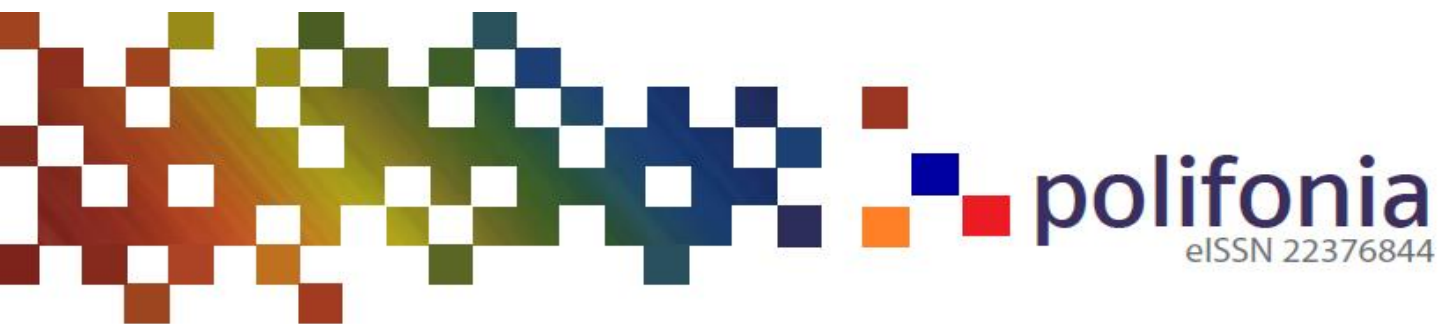
Resumen

Si se admite que la escritura se teje como espacio de heterogeneidades, ¿cómo se construye la condición de autor (requisito de la escritura académica) cuando se es como principiante, como proceso de aprendizaje, que se nutre de otras voces teóricas y está llamado a agenciar la escritura para constituirse singularmente como voz autoral? Con este trabajo, intento responder a esta pregunta, apoyándome con las aportaciones de los procesos del discurso y la perspectiva dialógica del proceso, así como con los procesos que conciben la escritura como proceso y como trabajo. Anclado con la perspectiva del enfoque cualitativo, el método de investigación adoptado es el de la investigación-acción. Como general, los resultados de la investigación apuntan a la necesidad de que las acciones de formación con la universidad privilegien algunos de los procesos que involucran la escritura académica y la construcción de como posición autoral, como perspectiva dialógica-discursiva, que trascienda la perspectiva comúnmente referida con los manuales de escritura académica. Además, como términos generales, los resultados indican que las trayectorias de escritura de los estudiantes están marcadas por como proceso de (re)construcción de la posición autoral marcadamente no lineal, como el que la voz autoral se (re)modela a medida que los sujetos aprehenden ciertos valores inherentes a la escritura académica, reaccionan sobre el proceso de producción de significados de los textos y, como consecuencia, resignifican sus elecciones (posiciones, citas escogidas de los textos revisados, interactúan sobre sus conocimientos, estableciendo nuevas filiaciones de sentido como y desde ellos).

Palabras clave: posición autoral, discurso citado, revisión académica

Introdução

A escrita acadêmica, como se sabe, é regulada por um conjunto de injunções que refratam modos de ler, escrever, pensar, argumentar, incidindo, efetivamente, sobre a pluralidade de práticas de produção e recepção dos gêneros da esfera universitária nos diferentes campos de conhecimento.



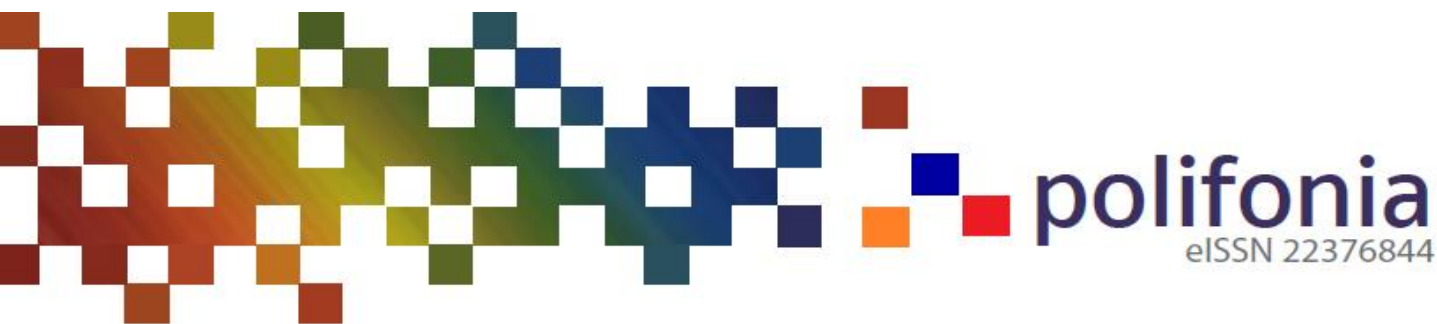
Tendo em vista esta realidade, um dos desafios que se coloca de forma proeminente, para os estudantes universitários, em todos os níveis de formação, é a construção da posição autoral, na escrita de textos acadêmicos, que atenda às injunções e à pluralidade das práticas discursivas da universidade.

Se se admite que a escrita é tessitura tramada num espaço de heterogeneidades, como assumir o estatuto de autor (exigência da escrita acadêmica) quando se é um principiante, estudante universitário, que recorre a outras vozes/teóricos e que é convocado a agenciar alteridades para se constituir singularmente como uma voz autoral?

Neste artigo, busca-se responder à questão anteriormente levantada a partir da análise de um *corpus* (recortes de resenhas acadêmicas temáticas, em suas versões 2 e 3), sob a luz da perspectiva discursivo-dialógica. O *corpus* mencionado foi extraído dos dados textuais de uma pesquisa-ação desenvolvida em 2018 em um contexto de doutoramento, sendo produzido por um grupo de dezoito alunos¹ oriundos de diferentes períodos do curso de Letras de uma universidade privada de Belo Horizonte.

Alinhando-se a esse propósito e tendo em vista a natureza do *corpus* adotado para a discussão e análise, o *gênero resenha acadêmica temática* é visto, neste trabalho, como recurso privilegiado nas e para as práticas de ensino da escrita na universidade. Acredita-se que tal gênero pode tanto mediar o ensino e a aprendizagem de saberes implicados aos diferentes modos de dizer e, portanto, de fazer científicos, quanto potencializar a capacidade de reflexão e postura crítica dos alunos sobre “as configurações textuais e sociais do gênero, suas rotinas enunciativas, como posicionamentos enunciativos e

¹ A participação dos estudantes na pesquisa deu-se por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em consonância com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC Minas. Os dados a serem analisados, neste trabalho, são textuais e o projeto de pesquisa de que eles emergem foi submetido à apreciação/análise do CEP-PUC Minas, recebendo dele parecer favorável.



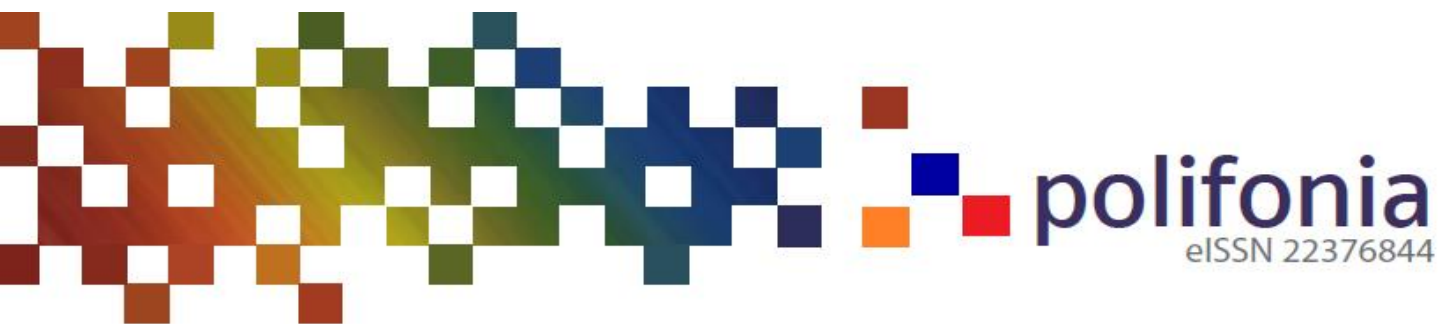
conceitos e procedimentos teóricos e metodológicos envolvidos na área de conhecimento em estudo” (MATENCIO, SILVA, 2008, p. 25).

Relativamente à concepção de escrita assumida, entende-se que esta pressupõe uma inscrição em que o sujeito ao mesmo tempo que escreve é envolvido, marcado, afetado pelo que escreve. Daí, aliás, a premissa de que a apropriação da escrita se dá na e pela atividade de escrita, sendo, indubitavelmente, processual. (SILVA, 2020). Nessa medida, os sentidos são moventes, porque a própria linguagem assim o é, e escrever impõe inscrever o processo de escrita, ao mesmo tempo, na história do já-dito e na luta por um dado sentido, como defende Corrêa (2013), pois, afinal, eles são afetados pelo curso processual de (re)tomada da palavra. Todo sentido, nessa perspectiva, implica uma negociação, só faz sentido em fazer-se na interação dialógica, mediante a valoração do sujeito, que reconstrói sua versão continuamente.

Na esteira dessa ideia, a noção de autoria que ilumina a discussão a ser empreendida é a que se alinha aos pressupostos teóricos da perspectiva dialógica de linha bakhtiniana, e, nesse, e, por esse viés, entende-se que ser autor é assumir uma posição responsável e também responsável em relação a um (outro), sempre num espaço saturado por outras vozes que se conectam ininterruptamente, mesmo em tempos e espaços distantes (BAKHTIN, 2011).

Com base nessa orientação teórica, acredita-se que, dentre outras ações, a posição autoral, na escrita de textos acadêmicos, está estreitamente relacionada *ao enquadramento do discurso citado*, o que impõe considerar: quem é citado? O que se cita? Como se cita? conforme defende Silva (2020). Assim, é importante reconhecer que, em se tratando de tal enquadramento, todas as questões apontadas abrigam *um valor* para a comunidade acadêmica e para a própria *construção da imagem de autor* que se visa a criar no texto.

Nas próximas seções que sucedem esta, apresento maiores reflexões sobre os apontamentos anunciados. Na Seção 1, discuto a relação entre a noção de autoria e o



enquadramento do discurso citado, a partir dos pressupostos teóricos anteriormente anunciados, focalizando ainda a produtividade do gênero resenha acadêmica temática para o desenvolvimento da construção autoral. Na sequência, dedico-me à contextualização da pesquisa, explicitando sua abordagem teórico-metodológica e as categorias analíticas eleitas para este trabalho; na Seção 3, apresento a análise de um recorte do *corpus* produzido por um dos alunos participantes da pesquisa-ação realizada no âmbito de meu doutoramento. Por fim, na Seção 4, apresento as considerações finais sobre a discussão empreendida. Passemos à Seção 1.

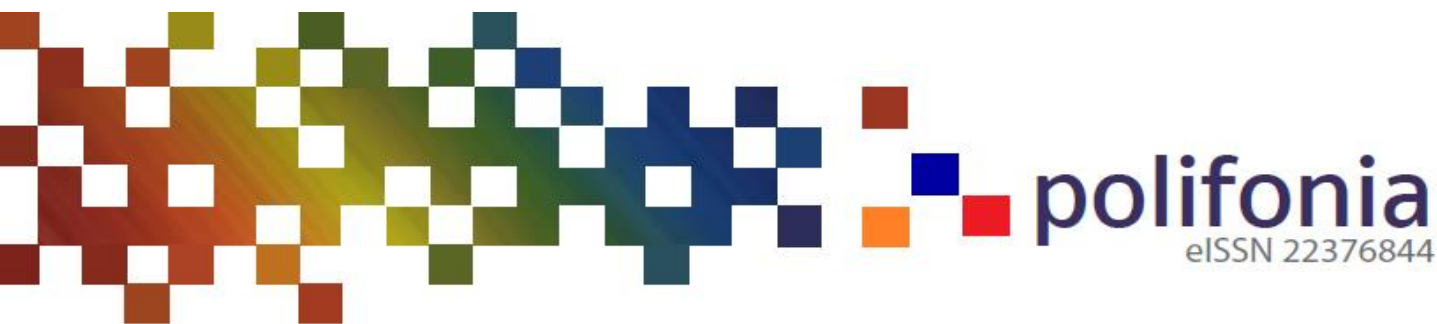
1. A noção de autoria e sua relação com o enquadramento do discurso citado

Como já anunciado, esta seção retoma a discussão precedente, dando-lhe certo “acabamento” a partir de interseções que são situadas no intuito de ampliar a noção de autoria até aqui discutida, especificamente sobre o que está em jogo quando o assunto é a escrita acadêmica. Igualmente, objetiva-se lançar luz sobre a produtividade do gênero *resenha² acadêmica temática* como instrumento para o desenvolvimento da posição autoral, nas práticas de ensino da escrita na universidade.

Ressalte-se, contudo, que tomar a escrita acadêmica como objeto privilegiado de reflexão não implica concebê-la como invariável, como se fosse ela engessada. Longe de uma tal concepção, reafirma-se aqui sua condição movente, dinâmica, “uma vez que ela é marcada pelas especificidades culturais, sociais e históricas dos diferentes espaços e das práticas sociais em que emerge: por exemplo, na formação dos universitários, por meio das disciplinas que a tomam como objeto de ensino” (ASSIS, 2014, p. 545).

Ainda a respeito da escrita acadêmica, Zavala (2010), citando Boughey (2000), destaca que:

² Segundo Assis (2014, p. 550) “a resenha acadêmica temática se desenvolve em torno de um tema e, para isso, dialoga com, pelo menos, dois textos-base”.



produzir um texto acadêmico é como cantar uma música com um coro atrás. A necessidade de ter essas outras vozes para cantar em harmonia ou em oposição a elas é uma espécie de regra sobre a forma na qual se constrói o conhecimento acadêmico. O acadêmico não pode cantar sozinho porque as outras vozes devem prover uma evidência para o que está cantando. Portanto, um texto acadêmico contém muitas vozes: contém as vozes das autoridades que o autor cita e também contém a voz do autor que aparece em relação a essas outras vozes, como um solo que é respaldado por um coro (BOUGHEY 2000, *apud* ZAVALA, 2010, p. 76).

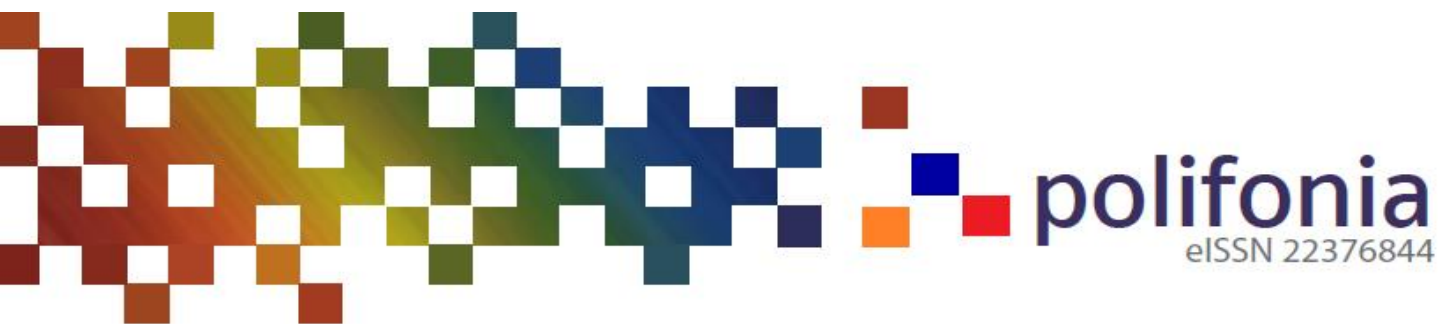
Nessa direção, se se assume com Bakhtin o princípio dialógico da linguagem, faz-se necessário, em tese, pensar a autoria sem perder de vista a sua relação orgânica com outros discursos – visão que permite inicialmente acenar para a produtividade do termo ora denominado “enquadramento do discurso citado” e sua relação com a noção de autoria.

Nos postulados bakhtinianos, nega-se a ideia da autoria encapsulada à de originalidade/propriedade e, conseqüentemente, o texto é compreendido como tecido em uma imbricada e constitutiva relação com outros enunciados, discursos que se conectam em ininterruptas cadeias dialógicas, em tempos e espaços diferentes.

Na ordem dessa reflexão, é importante acentuar que, para Bakhtin (2011), todo ato cultural reclama uma posição valorativa frente a outras posições valorativas, sendo o autor um princípio representador que se deixa perceber, não como presença física, mas como uma voz que se insinua e se faz sentir sob diferentes nuances.

Isso significa dizer que a autoria, no pensamento bakhtiniano, deve ser vista ou relacionada à questão da alteridade, das relações entre o “eu” (*self*) e o “outro”, admitindo-se, assim, que a consciência do autor é aquela que abarca e dá acabamento à consciência do outro, pois a palavra é sempre dual. A categórica afirmação de Bakhtin (2011, p. 11), presente em *O autor e a personagem*, de que “a consciência do autor é a consciência da consciência” corrobora essa asserção.

Em diálogo com tal acepção, argumenta Rodrigues (2018, p. 36) que, “quando evocamos, citamos, reformulamos a voz de determinado autor em nossos textos



acadêmico-científicos, estamos construindo outro ato de enunciação, ou seja, outras referências de construção de sentido”.

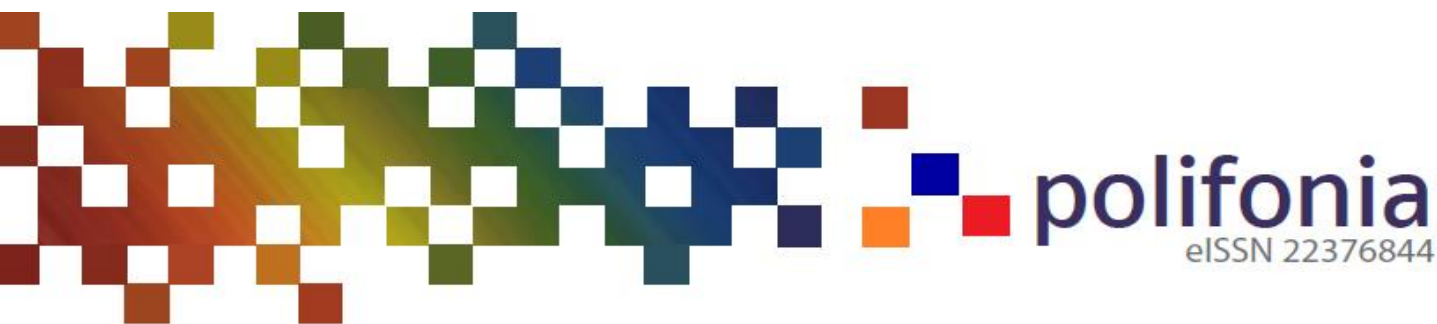
Desse modo, o enquadramento do discurso citado, na escrita acadêmica, reflete conhecimentos do escrevente sobre os usos e funções da citação, sobre os efeitos que a opção por um ou outro modo de referência ao discurso de outrem pode causar no plano enunciativo e na defesa de pontos de vista, bem como sobre as relações de poder que medeiam a escolha de citar determinados autores em detrimento de outros. Tudo isso, pois, pode nos dar pistas da presença do autor (com sua “máscara autoral” e com a sua voz criadora) no texto.

Apoiando-me nas ideias de Clark e Holquist (2008), os quais tecem considerações sobre o discurso citado em Bakhtin, direi que *o enquadramento do discurso citado* tem a ver, inclusive, com a decisão em relação, nos termos dos autores, do quanto um autor permitirá que o outro penetre nas suas palavras, isto é, com os graus relativos de liberdade concedidos por esse autor ao outro de cujas palavras ele se apropria. “O modo como as pessoas tratam caracteristicamente a fala de outrem não reflete apenas uma estilística literária ou as regras da gramática ou pontuação que se aplicam quando se faz citação, mas revelam também atitudes a respeito dela” (CLARK & HOLQUIST, 2008, p. 255).

Volóchinov (2017) nos esclarece, inclusive, que

[...] o enunciado autoral que incorporou outro enunciado em sua composição elabora as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial, para a sua inclusão na unidade sintática, composicional e estilística do enunciado autoral, mantendo, ao mesmo tempo, nem que seja de um modo rudimentar, a independência inicial (sintática, composicional e estilística) do enunciado alheio, sem a qual a sua integralidade seria imperceptível. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 250).

À luz de tal perspectiva, o autor pode ser considerado uma instância que administra a pluralidade discursiva de seu espaço enunciativo e que atua, nesse gerenciamento, com estratégias diversificadas e complexas de introdução, retomada e de organização do discurso de outrem em seu discurso.



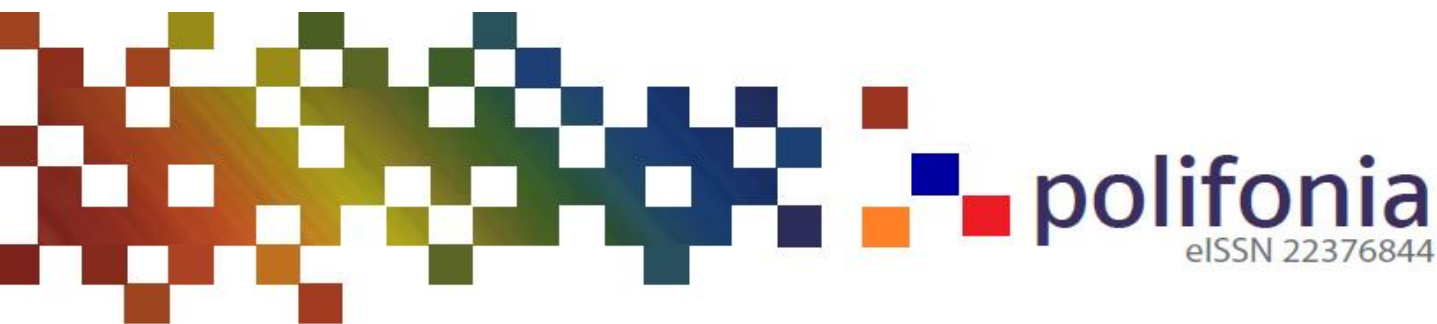
As formas de transmissão do discurso de outrem, portanto, segundo o que podemos depreender das proposições do referido autor, demonstram a recepção ativa do discurso de outrem. Aliás, Volóchinov (2017) apresenta uma forte crítica aos estudiosos que isolaram por completo as formas de transmissão do discurso alheio do seu contexto de transmissão. Para o autor, “o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre estas duas grandezas: o discurso transmitido (‘alheio’) e o discurso transmissor (‘autoral’)” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 255).

Especificamente sobre o que se salienta em relação à escolha dos autores citados, Boch e Grossmann (2015) argumentam que citar implica construir uma autoridade (já que esta não é dada *a priori*) não apenas escolhendo sabiamente os autores a serem citados, mas ainda, por meio do modo como se dá a inscrição em uma continuidade de pensamento, a qual, entende-se, requer situar aquele que cita em uma dada posição, tanto de avaliação sobre o dizer e o já-dito quanto no que toca à própria filiação teórica assumida.

Noutros termos, enquadrar o discurso citado em um dado contexto pressupõe uma posição responsável e responsável daquele que cita, já que a citação não tem sentido em si. Ela deve ser vista em estreita relação com um querer dizer, por exemplo, o que se quer ou pretende dizer quando se repete o dizer do outro, em uma nova enunciação? Ou, qual a validade desse dizer e que efeitos são gerados nesse novo contexto dialógico?

Concepção semelhante está também fortemente presente em Compagnon (2007), pois o autor observa que não é possível falar de citação por si mesma, mas somente do seu trabalho, compreendido como trabalho que também trabalha um autor ao mesmo tempo, porque quando se cita, o autor citado sobrevive nos enxertos, não como ele mesmo, intacto, mas sempre outro, apropriado.

Compreende-se, assim, que o estatuto de um autor na escrita acadêmica e sua relação com o enquadramento do discurso citado, pode se representar a partir dos autores com os quais ele busca dialogar (na representatividade, bem como na validade das



contribuições destes para um dado campo de conhecimento), no modo como se converte (de forma singular) um discurso citado em favor dos novos objetivos do discurso citante.

Dentre outros aspectos, é em vista das considerações anteriormente levantadas, que é possível pensar na produtividade do gênero resenha acadêmica temática como recurso para a potencialização da construção da posição autoral na escrita de textos acadêmicos. O gênero em foco, por ser essencialmente polifônico, demanda aos estudantes universitários o gerenciamento de vozes - ação cara à produção acadêmica, já que, nas rotinas de escrita do ambiente acadêmico, eles são confrontados a interagirem com diferentes teóricos e a conjugarem saberes, ideias, conceitos com e a partir do diálogo com a palavra alheia.

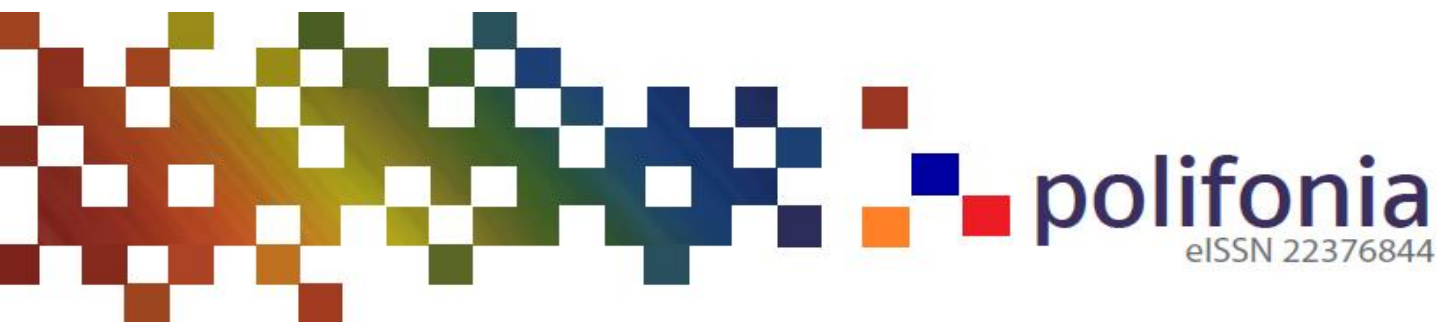
Assis (2014), que faz a franca defesa da *resenha acadêmica temática* nas ações de formação para a escrita na universidade, reconhece que, por meio dela, o estudante pode se apropriar de outros gêneros como o projeto de pesquisa, a dissertação de mestrado, a tese de doutorado, entre outros. Segundo o ponto de vista da autora,

parte-se do princípio de que esses e outros gêneros da esfera acadêmica demandam ao escrevente ações de textualização, isto é, modos de dizer igualmente presentes na resenha, sobretudo aqueles que dizem respeito às formas de apropriação do discurso de outrem e à construção de uma posição enunciativa por meio da qual o escrevente desenha sua compreensão, seu ponto de vista sobre o objeto do dizer e sua relação com as vozes convocadas e o campo científico em questão (ASSIS, 2014, p. 549-550).

Feitas as considerações em relação à perspectiva teórica que orienta este trabalho, na próxima seção, serão esclarecidos os procedimentos metodológicos de que resulta o *corpus* a ser analisado no trabalho em discussão, bem como a categoria eleita para a sua análise.

2. A abordagem metodológica

Como já prenunciado, a partir de uma perspectiva discursivo-dialógica, o objeto de análise deste trabalho advém do recorte de um *corpus* extraído de um total de 114



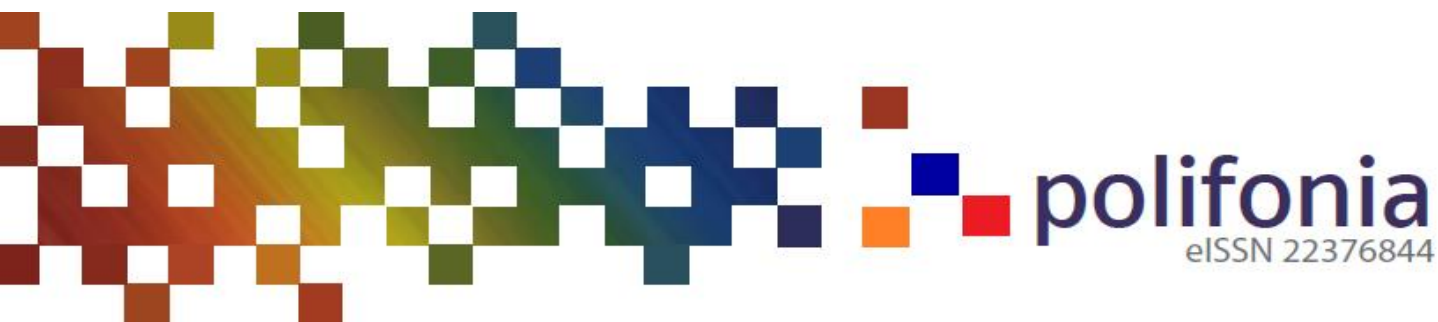
textos (de diferentes gêneros), resultante de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida entre os meses de março a junho de 2018, com a participação de um grupo de 18 alunos oriundos de diferentes períodos do curso de Letras de uma universidade privada da cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais.

Assim, foram selecionados trechos das versões 2 e 3 de resenhas acadêmicas temáticas produzidas por um aluno participante da pesquisa, dos quais se podem deprender as ações de (re)enquadramento do discurso citado, realizadas pelo referido aluno, na busca pela sua posição autoral no diálogo com a palavra de outrem.

Relativamente à pesquisa de que resulta o *corpus* mencionado, trata-se de pesquisa-ação cujo objetivo geral foi a elaboração e implementação de uma Oficina³ de Produção de Textos Acadêmicos, em que se tematizou, especialmente, a dimensão dialógica que perpassa a escrita e que envolve o “ser e dizer com e a partir da palavra de outrem” (ASSIS, 2014). Dentre outros princípios que orientaram a Oficina, destaque-se que o (re)conhecimento da estrutura composicional ou retórica de um determinado gênero não é o suficiente para garantir que o estudante produza um texto que atenda às expectativas da comunidade de práticas acadêmicas, embora se reconheça que esse conhecimento deva ser parte integrante do processo de apropriação da escrita.

Intitulada “Oficina de Produção de Textos Acadêmicos: desmitificando e enfrentando a escrita na universidade”, a Oficina assumiu o compromisso de possibilitar aos estudantes uma maior compreensão das “regras do jogo” do discurso acadêmico-científico (que não são transparentes). Diferentemente da perspectiva normalizadora que orienta manuais de escrita acadêmica, ela visou a contribuir para a tomada de consciência em relação aos usos e implicações de recursos como a citação (numa visada discursivo-

³ O leitor poderá ter acesso à referida Oficina por meio da tese “**O desabrochar da posição autoral no processo de escrita orientada: incursões de universitários da área de Letras na escrita acadêmica**”, publicada no ano de 2020 e defendida com o apoio do CNPq. *Link* para o acesso à tese: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_MINS_041e2aeb790ba656b053513fa0166fbf.



dialógica), na produção dos diferentes gêneros acadêmicos. Igualmente, possibilitou a problematização de certas representações e mitos que cercam o diálogo com a palavra de outrem e a escrita acadêmica.

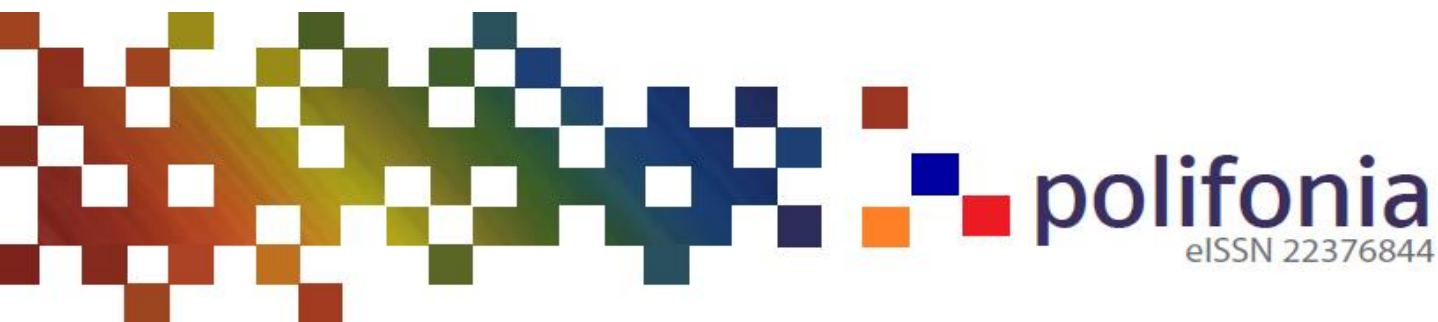
Feitos esses esclarecimentos, cumpre-me ressaltar que, em função das restrições que orientam a escrita deste artigo, não me ocuparei em descrever integralmente a proposta didática de que resultou o *corpus* a ser analisado na próxima seção. No entanto, cabe-me contextualizá-la brevemente.

Após estudo e reflexões sobre princípios que envolvem o diálogo com a palavra de outrem e sua relação com a construção da posição autoral, como culminância da Oficina, os alunos deveriam produzir o *gênero resenha acadêmica temática*. O tema “O trabalho do sujeito com a língua/linguagem na escrita acadêmica e os reflexos da posição autoral” foi o proposto, devendo os alunos produzirem a resenha a partir do diálogo com e entre quatro textos-base, os quais tratavam das noções de dialogismo, escrita e autoria. Os textos-base de autoria de Araújo (2001), Ponzio (2010), Ramos (1962) e Bakhtin (2011) foram apresentados em excertos e, anteriormente à produção da resenha, pelos alunos, foram discutidos em sala previamente.

Vale ressaltar que, com a atividade, os alunos puderam acionar os saberes e reflexões mobilizados ao longo dos demais encontros da Oficina e, efetivamente, ao mesmo tempo, participar de um processo de formação para escrita e pela escrita, dado o caráter metadiscursivo que a balizava.

Como lugar privilegiado de observação para a abordagem particularizada da análise que será apresentada na próxima seção, o enquadramento do discurso citado (quem é citado, o modo como se cita e o que se cita), é tomado como uma categoria analítica que será explorada a partir de pistas linguístico-textuais e discursivas no *corpus* examinado.

Assim, o objetivo é examinar o modo como o aluno, em sua posição de autor, constrói relações de sentido na “escuta” (que o coloca em interação com os saberes



construídos na Oficina, com o outro), e como também a controla para construir e singularizar suas reflexões pessoais, seus posicionamentos. Noutros termos, busco analisar como o sujeito, nas idas e vindas dos processos de escrita da produção das diferentes versões da resenha, (re)constrói o posicionamento autoral diante das restrições (im)postas na tensão entre a singularidade e a alteridade.

Para isso, esclareço, ainda, que o *corpus* é apresentado acompanhado dos comentários, feitos pela professora-pesquisadora, os quais refratam o (re)enquadramento do discurso citado na escrita das versões da resenha analisadas.

Passemos à próxima seção, que traz o detalhamento dessa análise.

3. A análise sob a lupa: o (re)enquadramento do discurso citado e a busca pela construção da posição autoral

O enquadramento do discurso citado, desde o limite do seu recorte, a escolha de onde e como inseri-lo, as adaptações operadas em seu interior, até a maneira como é abordado, comentado e posto em relação com o discurso que o acolhe, sem dúvida, está ligado ao trabalho autoral - razão que justifica a escolha de tomá-lo como categoria analítica no *corpus* a ser examinado na sequência. É preciso considerar que o discurso citado sofre alterações em conformidade com o espaço onde circula e que está sujeito, inelutavelmente, a diversas (re)interpretações, (re)acentuações e transformações de sentido.

Veja-se, a seguir, o quadro “(Re) enquadramento do discurso citado (em resenhas produzidas pelo aluno P)”, que subsidiará a análise mencionada.

(Re)enquadramento do discurso citado (em resenhas produzidas pelo aluno P)

Enquadramento 1 (Versão 2 da resenha)
[...] Por isso, o trabalho com a língua/linguagem na escrita acadêmica necessita, primeiramente, do sujeito a compreensão de que seu texto não é propriamente seu, mas que está permeado por outras vozes. “Cada palavra própria se realiza numa relação dialógica e recupera sentidos de palavras alheia, é



sempre réplica de um diálogo explícito ou implícito, e não pertence nunca a uma só consciência, a uma só voz. E isso, já pelo fato de que cada falante recebe a palavra de uma voz alheia.” (PONZIO, 2010). Dessa forma, não há primeira outra palavra de cada um, como houve com o Adão mítico, que criou a palavra e passou a toma-la em seus discursos. Toda palavra procedeu de alguém e **“ela alude sempre, mesmo contra vontade, sabendo ou não, a palavra do outro” (PONZIO, 2010).**

Comentário da professora- 11 junho 2018

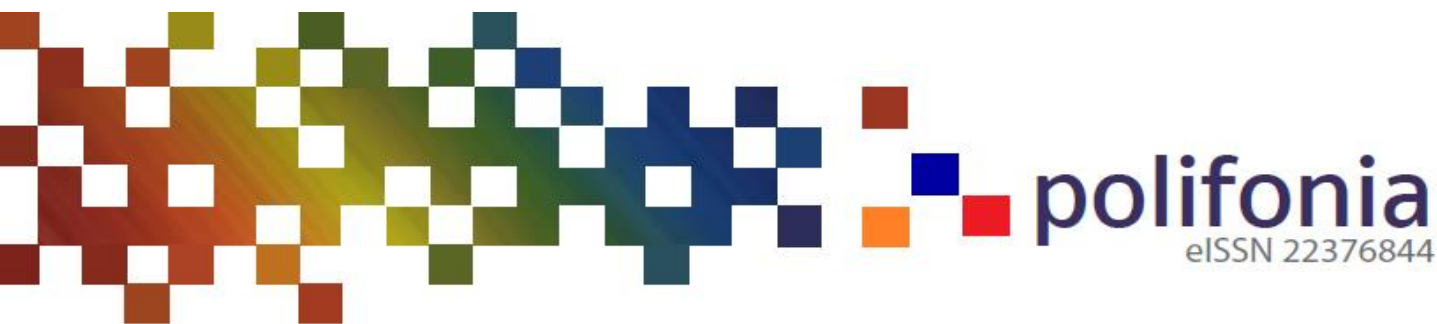
Aproveite essas ideias para comentar o trabalho do sujeito em (re)atualizar a palavra de outrem. Lembre-se de que citar, por exemplo, exige um trabalho daquele que cita face ao discurso que é invocado. O modo como o sujeito cita e dialoga com esse discurso cria uma imagem dele como autor. Tente incrementar sua discussão nessa direção, senão, você não avançará em relação ao nível de progressão das ideias de seu texto, permanecendo, assim, na questão de que o dialogismo é constitutivo da linguagem apenas, entende? A proposta é outra: focalizar o trabalho com a língua/linguagem como aspecto importante na construção da imagem de autor. Lembre-se de que esse trabalho se revela na língua/linguagem de várias formas: se o discurso de outrem é tomado com certa ironia, por exemplo, revela uma das ações que constituem esse trabalho. Pense em como esse trabalho pode ser flagrado no texto, ok!

Enquadramento 2 (Versão 3 da resenha)

“Cada palavra própria se realiza numa relação dialógica e recupera sentidos de palavras alheia, é sempre réplica de um diálogo explícito ou implícito, e não pertence nunca a uma só consciência, a uma só voz. E isso, já pelo fato de que cada falante recebe a palavra de uma voz alheia”. (PONZIO, 2010). Ou seja, toda palavra provém do já dito, mas cabe ao sujeito atualizar a palavra do outro, dialogando ao mesmo tempo com discurso alheio e se posicionando de forma autoral sobre o objeto de discussão para, com isso, constituir-se como autor. Para isso, é necessário, como sustenta **Bakhtin (2011), que o escrevente, ao tomar a palavra alheia, se coloque no lugar do outro, procure ver determinado objeto de discussão na perspectiva do outro e, só depois disso, reformular seu discurso com seu próprio ponto de vista e seus conhecimentos.**

Fonte: excertos extraídos do desenvolvimento das Versões 2 e 3 de resenha produzida pelo aluno P, na Oficina Produção de Textos Acadêmicos: desmitificando e enfrentando a escrita na universidade, que integra a tese de doutoramento da pesquisadora.

Cumpr-me aclarar de início que, em ambos os contextos de enquadramento (1 e 2), o discurso de outrem é mobilizado em torno da discussão do conceito de dialogismo como propriedade da linguagem, o que requer destacar que os autores citados dialogam entre si, sendo Ponzio, inclusive, leitor de Bakhtin. Noutros termos, em relação à escolha desses autores (entre os textos disponibilizados na proposta para a produção da resenha) para tratar de tal objeto de discussão, pode-se dizer que esta é teoricamente coerente. Revela, desse modo, certo grau de assimilação, por parte do sujeito-autor, da rede de significações a serem estabelecidas no texto, bem como sobre o que pode ser dito dentro de uma dada perspectiva teórica.

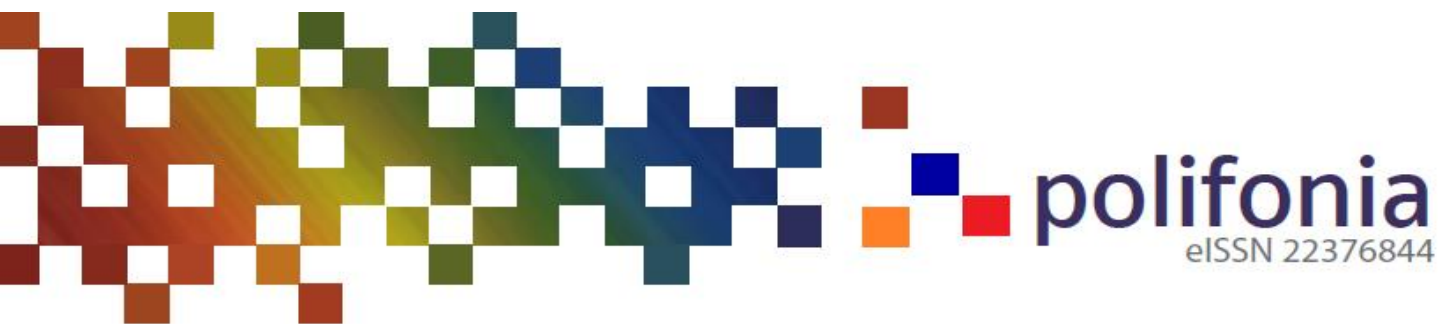


Tomando como ponto de partida para a análise o Exemplo 1 (Enquadramento 1 versão 2 da resenha), é perceptível que o discurso citante é matizado pelas tentativas, ainda que discretas, do sujeito-autor em amalgamar a palavra própria à palavra de outrem de modo a colocá-la num mesmo território comum (discussão sobre o conceito de dialogismo).

Aquilo que o sujeito significa ao dizer, portanto, não é mero efeito de escolhas individuais, mas parte de um conjunto de filiações que se materializam no discurso, tomado no tempo e no espaço, e no qual se formulam enunciados que articulam o dizer de um no dizer de outrem (ZANDWAIS, 2011). Tais tentativas se materializam não somente no quadro semântico que aproxima ambos os discursos como também podem ser linguisticamente percebidas nas expressões “Por isso” (“[...] Por isso, o trabalho com a língua/linguagem na escrita acadêmica necessita[...]”) e “Dessa forma” (“Dessa forma, não há primeira outra palavra de cada um [...]”), as quais indiciam um movimento de posicionamento explicativo empreendido pelo discurso citante sobre o que é dito e o já-dito. Além disso, essas expressões desvelam um trabalho com a linguagem, um esforço do sujeito em dar o acabamento ao objeto do dizer para controlar os sentidos (o que tributa a esse sujeito-autor uma posição responsável/autoral, em certa medida).

Nessa atmosfera dialógica, vemos um sujeito-autor que constrói seu ponto de vista (“[...] Por isso, o trabalho com a língua/linguagem na escrita acadêmica necessita, primeiramente, do sujeito a compreensão de que seu texto não é propriamente seu, mas que está permeado por outras vozes”) conjuntamente com o discurso que enquadra.

Faz-se necessário notar, porém, que, nesse contexto, o discurso citado se avoluma, dando a impressão de que “É o discurso de outrem na linguagem de outrem que serve para refratar a expressão e as intenções do autor” (BAKHTIN, 2014, p. 127) – o que não seria um problema, não fosse a voz autoral fundir-se sobremaneira com a voz de outrem (tem-se aí o deleite da coincidência entre duas consciências, sem que haja o distanciamento necessário). Não se percebe, pois, que esse sujeito, após esse encontro de



consciências, é capaz de se distanciar, ou construir um excedente de visão, nos termos bakhtinianos, para reenquadrar o discurso citado em uma nova perspectiva (reinscrevendo-o, por exemplo, em um novo contexto de interação reacentuado por sua entonação avaliativa – aquela que traria ares de uma presença mais autoral do sujeito, com sua valoração axiológica).

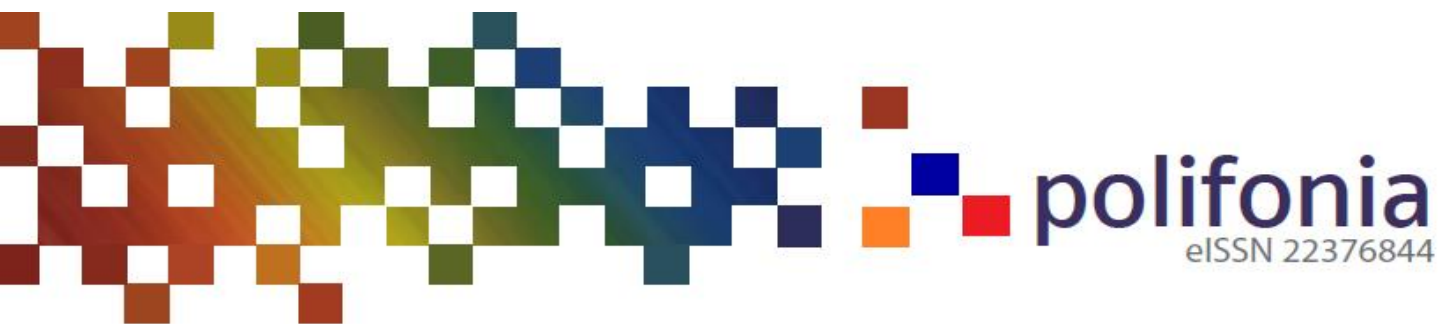
Nos termos de Volóchinov (2017, p. 259), “a dominante discursiva é transferida para o discurso alheio, tornando-o mais forte e ativo do que o contexto autoral que o emoldura”.

Ainda que seja considerada a ideia de que a evocação do discurso de outrem por si só encerra um aparente diálogo, já que a razão de ser da presença do outro no simulacro do discurso citante será sempre para um relacionamento de sentidos (negação, aceitação, complementação etc.) acerca de determinado tema ou objeto de dizer, como dito em outros momentos ao longo desta discussão, citar implica construir-se como uma autoridade em relação ao já-dito.

No excerto 1 em exame, percebe-se que a voz do sujeito-autor se “esvanece” proporcionalmente à elevação da do discurso citado, cedendo-lhe praticamente todo “o espaço para a palavra”. Inclusive, o silenciamento dessa voz aparece linguisticamente marcado pelas aspas reiteradas em duas citações literais, em um único parágrafo, as quais, a rigor, particularmente no contexto mencionado, denotam uma relação de poder do discurso citado sobre o citante.

Pode-se dizer, assim, que a autoridade mencionada não se concretiza efetivamente, porque o discurso do sujeito-autor não enquadra o discurso de outrem de modo a penetrar nele de dentro e a matizá-lo com a sua ressonância, seus acentos e suas expressões avaliativas, e a criar um diálogo mais produtivo que estático.

Em contrapartida, o segundo exemplo (Enquadramento 2), produzido em uma terceira versão da resenha, sob a refração do comentário feito pela professora-pesquisadora, que chama a atenção para a necessidade de se incrementar a discussão, na



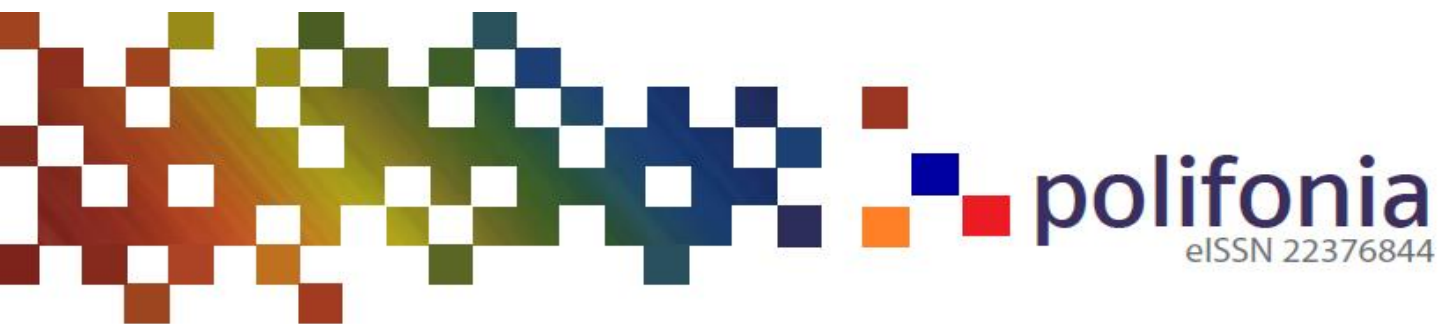
relação construída com outras vozes, a partir de um olhar singular do estudante, apresenta relativo avanço em comparação com o primeiro exemplo. Esse avanço é notado no modo como o sujeito-autor se situa em relação à palavra de outrem e, conseqüentemente, se constrói enunciativa e discursivamente como autor.

Percebe-se um reenquadramento do discurso de outrem, não só sinalizado num movimento de tomada de posição em relação a ele (como discutirei adiante), como pela redefinição da própria escolha das fontes, isto é, há um novo enquadramento das vozes trazidas para suplantar a discussão em torno do mesmo objeto de discussão (o dialogismo como propriedade da linguagem), ação aqui entendida como indiciadora de um trabalho autoral do sujeito-autor (que reavalia, ajuíza suas escolhas).

Como mostra o Enquadramento 2 (versão 3 da resenha), o sujeito põe em cena para dialogar com Ponzio, a voz de Bakhtin, a partir da qual expande o conceito de dialogismo (antes abordado somente pela perspectiva de Ponzio, baseada em Bakhtin), estabelecendo relação com o princípio da exotopia, lembrado para ressaltar a necessidade de um autor sempre assumir um olhar crítico no posicionamento autoral (é o autor interagindo/conjugando saberes, ideias para tratar do objeto).

Vejo esse dado positivamente e passo a explicar porque: primeiramente, é perceptível que a orientação da professora foi significada, em alguma medida, pelo estudante, na sua posição de sujeito-autor. Este sujeito responde ativamente a ela, (re)construindo sentidos com e a partir do dizer de outrem, ao se revelar como uma segunda voz autoral na relação estabelecida com o discurso citado, afastando-se da imagem de autor relativamente “apagada”, refletida na versão 2 da resenha.

No que diz respeito à relação entre o enquadramento do discurso citado e a construção da posição autoral do aluno P, nesse segundo momento, permito-me reportar a Bakhtin (2014, p. 156) para, junto com ele, dizer que “o contexto que enquadra, lapida os contornos do discurso de outrem como o cinzel do escultor [...]. O discurso do autor representa e enquadra o discurso de outrem, cria uma perspectiva para ele [...]”. Refiro-

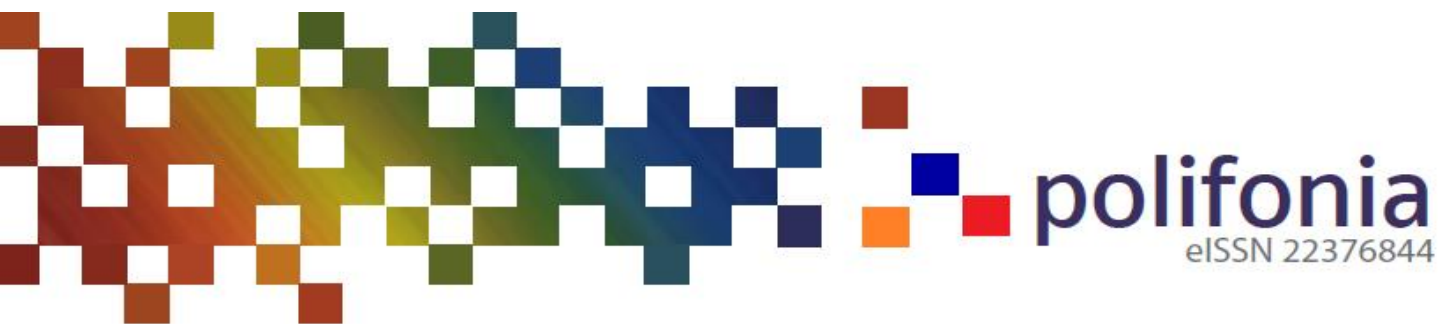


me, por exemplo, à substituição de uma das citações de Ponzio por uma reformulação de Bakhtin, a qual, é preciso mencionar, agrega valor argumentativo ao discurso do sujeito-autor, do mesmo modo que o situa em um lugar de fala diferente.

A decisão de abandonar uma das citações de Ponzio, para dar lugar à fonte/figura de Bakhtin, no novo enquadramento dado à discussão, não deve ser vista como uma mera substituição ou decisão, mas sinaliza uma voz autoral que reconhece, em alguma medida, o peso ou a validade de uma escolha em detrimento de outra no contexto dialógico em questão. E sobre isso, é importante registrar que, nos comentários realizados pela professora-pesquisadora em relação ao texto em discussão, não foi sinalizado que a substituição deveria ser feita. Tal decisão demonstra um sujeito-autor que busca retroagir sobre o processo de produção de sentido do seu texto, na tentativa de lhe dar o acabamento do todo, sem perder de vista os valores que cerceiam o diálogo com a palavra de outrem (como, por exemplo, o reconhecido valor de que é importante o esforço em recorrer às fontes).

Trata-se, portanto, de uma voz autoral ainda mais responsável, que enquadra o discurso citado, a partir de um novo acento de valor, isto é, recriando um novo ângulo axiológico para tecer a discussão pretendida, deixando-se entrever, por suas escolhas, na heterogeneidade da relação eu/outro. Assim, é possível sentir de forma mais marcante a presença de uma voz autoral singularizada em diálogo com a dos autores citados, mesmo que esta ainda se revele timidamente em termos de nível de profundidade e/ou originalidade da reflexão – o que não é aqui visto como um problema, considerando que estamos falando de um sujeito, cujo grau de maturidade intelectual é compatível com o que espera-se de um aluno de 2º período do curso de Letras.

Também é preciso dizer que, nesse momento (Enquadramento 2), o diálogo se dá entre os autores convocados, mas também com o sujeito-autor do texto, haja vista a ocorrência de uma citação posicionada, nos termos de Florez (2013, p. 67), isto é, “que traduz a tomada de posição explícita do autor em relação ao outro”, como se nota em “Ou

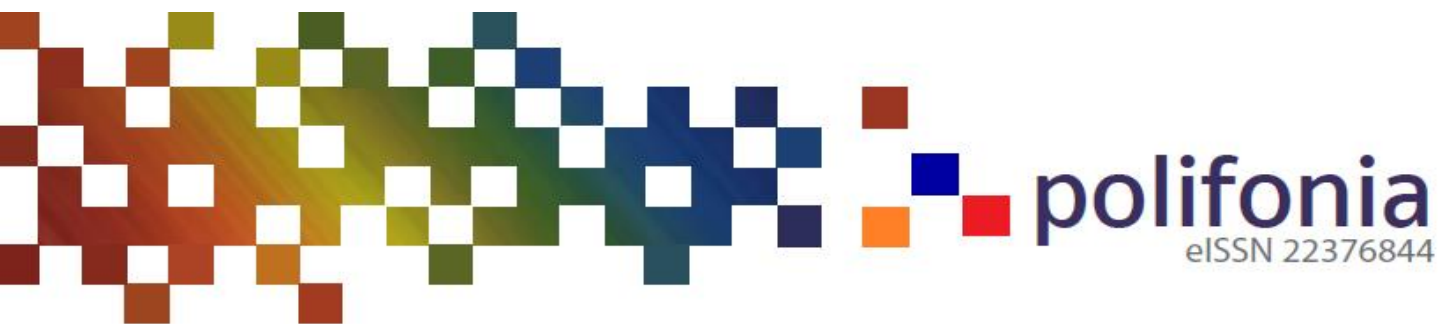


seja, toda palavra provém do já dito, mas cabe ao sujeito atualizar a palavra de outro, dialogando ao mesmo tempo com discurso alheio e se posicionando de forma autoral sobre o objeto de discussão, para com isso se construir autor”.

Tem-se, assim, um sujeito-autor que adota, diante das ideias de outrem, um posicionamento autoral marcado não somente pela adesão a esse discurso, mas sobretudo pelo (re)investimento, num movimento de explicação/retomada (do qual advém um gesto de compreensão responsiva ativa ou apropriação do já-dito), marcado linguisticamente no texto, por exemplo, no uso da glosa metaenunciativa “ou seja”, e na expressão “ para com isso”, além de enunciados com valor de esclarecimento: “toda palavra provém do já dito, mas cabe ao sujeito atualizar a palavra do outro [...]” etc. Relativamente a esse aspecto, frise-se que esse posicionamento de explicação, demonstrando a autoria sendo agenciada, é ancorado na perspectiva do sujeito-autor inscrita na adversativa “mas”, que põe em cena duas perspectivas: a de outrem e a do sujeito-autor.

Não poderia deixar de mencionar, ainda, que há certa sofisticação na escolha nominal (“objeto de discussão”) em: “[...] se posicionando de forma autoral sobre o objeto de discussão [...]”, que insinua uma relativa evolução em termos do refinamento do repertório linguístico da voz autoral, comparando-se com o Enquadramento 1, além de dar pistas da apropriação dos modos de dizer do discurso acadêmico-científico.

Um importante dado a se discutir, ainda, é que Bakhtin, no Enquadramento 2, é citado por meio de uma reformulação “Para isso, é necessário, como sustenta Bakhtin (2011), que o escrevente, ao tomar a palavra alheia, se coloque no lugar do outro, procure ver determinado objeto de discussão na perspectiva do outro e, só depois disso, reformular seu discurso com seu próprio ponto de vista e seus conhecimentos”. Diferentemente do primeiro caso, em que o discurso citado é mobilizado por meio de citações literais, sem necessariamente serem acrescidas de uma entonação avaliativa singularizada por uma reflexão pessoal do sujeito-autor, na reformulação, vemos um movimento ou gesto de (re)interpretação (compreensão responsiva ativa) relativamente à noção de exotopia.



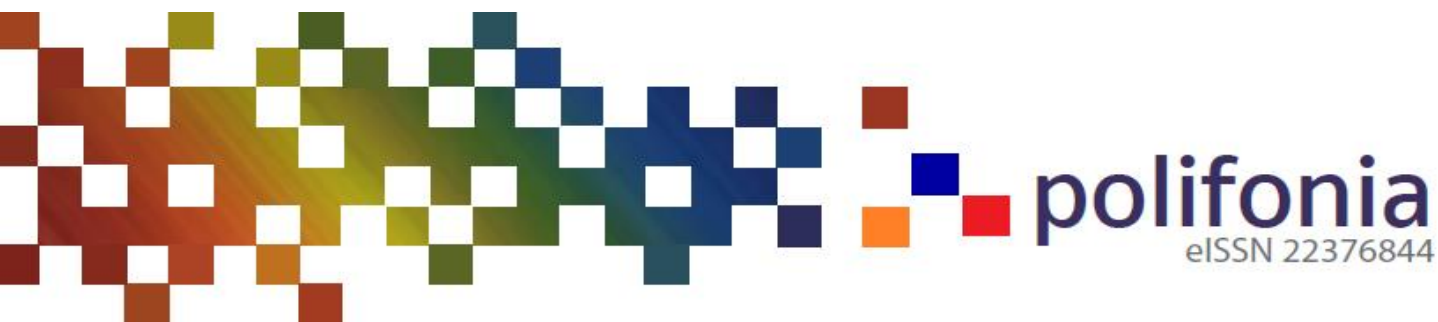
É importante destacar, ainda, no que se refere a essa reformulação, a escolha lexical do verbo “sustenta”, desvelando um movimento de apropriação da palavra alheia (à medida que revela uma compreensão responsiva ativa da ação discursiva realizada pelo autor citado), que passa a ser matizada por nova entonação avaliativa, espelhada na tentativa de construção de uma singularidade na arena do embate dialógico entre palavra própria e a palavra de outrem. Afinal, há que se ter em conta que esse sujeito poderia ter usado um verbo *dicendi* como “afirma”, por exemplo. A escolha de outro verbo (“sustenta”) demonstra, a meu ver, a busca pela palavra própria, pelo rebuscamento da linguagem, revelando o *devoir* criativo desse sujeito no trabalho com essa linguagem e o empenho em se fazer autor (aquele que constrói uma resposta, assume uma posição em relação a um (outro) autor).

Para finalizar, como bem assevera Volóchinov (2017, p. 272), o autor toma uma posição semântica, utilizando suas próprias palavras e falando pessoalmente.

Considerações finais

Neste texto, busquei responder à pergunta central que norteou a discussão ora empreendida, ou seja, “se se admite que a escrita é tessitura tramada num espaço de heterogeneidades, como assumir o estatuto de autor (exigência da escrita acadêmica) quando se é um principiante, estudante universitário, que recorre a outras vozes/teóricos e que é convocado a agenciar alteridades para se constituir singularmente como uma voz autoral?”

Como evidenciado na seção anterior, a construção da posição autoral na escrita acadêmica está estreitamente articulada ao modo como o sujeito, em sua posição de autor, se constrói discursiva e enunciativamente no diálogo com o discurso de outrem, pois, “em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as suas orientações, o discurso depara



com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele” (BAKHTIN, 2015, p. 51).

Entende-se, assim, em consonância com a abordagem dialógica da linguagem e do discurso, que a posição autoral, na perspectiva defendida, se estabelece quando o sujeito, instado por uma determinada intenção, assimila, reelabora e reacentua a palavra de outrem, com uma expressividade singular, demonstrando a sua posição valorativa em relação a essa palavra; refletindo, em alguma medida, o reconhecimento dos efeitos de sentido de determinadas escolhas (quem é citado, o que se cita e o modo como se cita) num dado campo de conhecimento.

Dá a importância de, nas ações de formação para a escrita, na universidade, se levar em conta a perspectiva dialógica que envolve a escrita acadêmica e sua relação com a autoria, para além de uma visão prescritiva e/ou moralista, de modo a possibilitar ao estudante do Curso de Letras, especialmente, construir um olhar crítico-reflexivo sobre valores, princípios e injunções do fazer acadêmico-científico que legitimam o estatuto de um autor neste campo de conhecimento. Evidentemente, considerando-se, para isso, a heterogeneidade das práticas de escrita das diferentes áreas.

No que se refere ao percurso trilhado na análise do *corpus* selecionado para esta discussão, faz-se necessário reafirmar a noção de escrita como processo e trabalho (CORRÊA, 2007; GERALDI, 2008), que não finda com o ponto final do texto, pois apropriação da escrita, como já dito, se dá na e pela atividade de escrita – que é sempre singular, haja vista que sempre retrabalha o próprio escrevente, à medida que exige novas formas de escrever/autorar circunscritas aos parâmetros de interação refratados pelas suas condições de produção, recepção e circulação.

Relativamente à produtividade do gênero resenha acadêmica temática como recurso privilegiado para o desenvolvimento da posição autoral, nas práticas de ensino da escrita na universidade, a exemplo do que foi demonstrado na análise do *corpus* examinado, este gênero exige modos de textualização que convocam o escrevente a adotar



uma postura responsiva e responsável na escrita, a orquestrar a palavra de outrem e a sua palavra própria criticamente. Além disso, a resenha acadêmica pode favorecer a construção de um saber crítico por possibilitar que o estudante não só se posicione por meio de avaliações pessoais acerca dos textos/discursos resenhados, mas também, porque essa ação pode viabilizar a interação com outros saberes do campo de conhecimento.

Referências

ARAÚJO, Liane Castro de. *Tecendo Sentidos: reescrita e produção de Texto*. 2001. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2841/2017>>. Acesso em 20 mai. 2022.

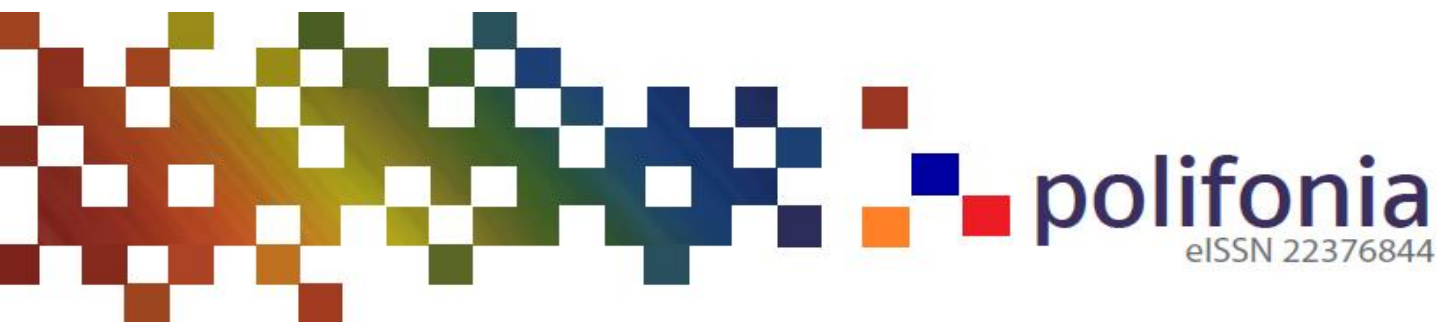
ASSIS, Juliana Alves. Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didática da escrita na universidade. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v.43, n.2, p. 801-815, maio-ago. 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/view/482>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ASSIS, Juliana Alves. “Eu sei mas não sei colocar no papel aquilo que eu sei”: representações sobre os textos acadêmico-científicos. In: RINCK, Fani; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). *Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 423-454.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. Org. da edição russa de Serguei Botcharov e Valdim kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 47-78.

BAKTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução do russo: Aurora Fornomi Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.



BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. *In: Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 3-186.

BAKHTIN, M. A forma espacial da personagem. *In: Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

BOCH, Françoise; SILVA, Sibely Oliveira. Dialoguer avec le discours d'autrui dans l'écrit académique ou comment construire une posture d'auteur ? *Revista Linguagem e Ensino*. Pelotas, v. 22, n. 3, julh-set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>> Acesso em: 20 mar. 2022.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. *In: CORRÊA, Manuel Luiz et al. (org). Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2º sem. 2002.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas. *In: RINCK, Fany; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 283-308.

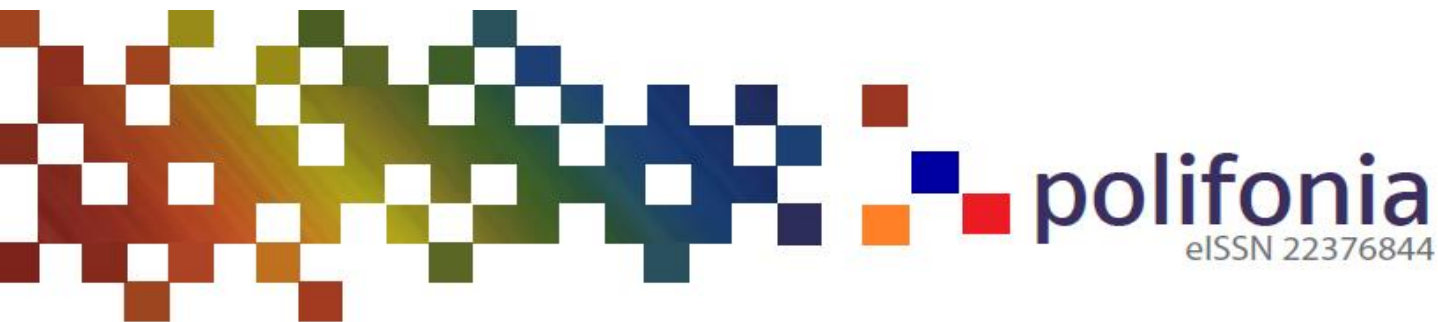
CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. A arquitetura da responsabilidade. *In: CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva. 2008. p. 61-88.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 8, p. 269-286, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59756>>. Acesso em: 22 mar.2022.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis) curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 481-513, set-dez. 2013.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. A escrita na formação do professor e pesquisador. Entrevista. *In: LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira; RINCK, Fanny (org.). Scripta*, Belo Horizonte, p. 177-185, 2019.



FIAD, Raquel Salek. (Re)escrita e estilo. *In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura T. Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.* Campinas-SP: Mercado de Letras, 1997. p. 155-174.

FIAD, Raquel Salek. A escrita na universidade. *Revista da ABRALIN*, v. eletrônico, nº especial. p. 357-359. 2ª parte 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32436>>. Acesso em 20 mar./2022.

FLOREZ, Magda. La citation positionnée dans l'écrit scientifique. *In: TUTIN, Agnès; GROSSMANN, Francis. L'écrit scientifique: du lexique au discours.* Presses Universitaires de Rennes. 2013.

GERALDI, João Wanderley. *A escrita como trabalho: operações e metaoperações de construção de textos.* 2018. Disponível em: <blogdogeraldi.com.br/a-escrita-como-trabalhooperacoes-e-metaoperacoes-de-construcao-de-textos/>. Acesso em: 30 mar.2022.

PONZIO, Augusto. Alteridade e dialogicidade da palavra. *In: Procurando uma palavra outra.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 37-39.

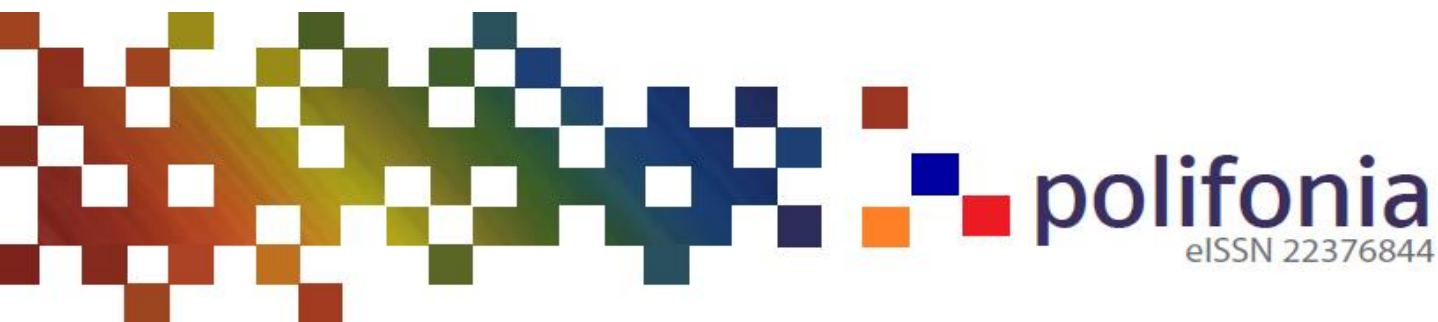
RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas.* 1962. Disponível em: <<http://graciliano.com.br/site/obra/linhas-tortas-1962>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

RODRIGUES, Daniela Lopes Ignácio. *Escrita de pesquisa e para a pesquisa.* Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

SILVA, Sibely Oliveira. *O desabrochar da posição autoral no processo de escrita orientada: incursões de universitários da área de Letras na escrita acadêmica.* 2020. 213f. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-graduação em Letras -Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; MATENCIO, Maria de Lourdes M. Retextualização: movimentos de aprendizagem. *In: II Encontro Internacional Linguagem Cultura e Cognição, 2003, Belo Horizonte FAE/UFMG. Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição.* Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin. Exposição do problema do “discurso alheio”. *In: Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 249-262.



VOLÓCHINOV, Valentin. Discurso indireto, discurso direto e suas modificações. *In: Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017. p. 263-290.

VOLÓCHINOV, Valentin. Interação discursiva. *In: Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017. p. 201-206.

ZANDWAIS, A. Da língua ao discurso nos limites da sintaxe: as tênues fronteiras entre discursos citados e citantes. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 4-19, 1º sem. 2011. Disponível em: <revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/download/5313/5086>. Acesso em: 31mar. 2022.

ZAVALA, Virgínia. Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. *In: VÓVIO, Claudia; SITO, Luanda; DE GRANDE, Paula(org.). Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada.* Campinas, SP: 2010. p.71-98.